DIALOGISMO, POLIFONIA E INTERTEXTUALIDADE NAS CAPAS DO JORNAL *MEIA HORA*

Gesseldo de Brito Freire (UERJ)
canoarte@yahoo.com.br
André Crim Valente (UERJ)
prof.acvalente@gmail.com

RESUMO

No texto jornalístico, há uma tentativa de (re)elaboração de uma realidade observável. Se, comumente, tal realidade é construída a partir de um princípio de neutralidade, por vezes o jornalista se vale de alguns procedimentos linguísticos a fim de possibilitar uma aproximação do texto com a realidade cotidiana. Por essas escolhas, essa aparente neutralidade inevitavelmente se desfaz desde a construção até o contato do leitor com a matéria. Assim, valer-se de recursos de dialogismo, polifonia e intertextualidade tem sido uma recorrência na construção de enunciados de manchetes em diferentes capas de jornal veiculadas diariamente. Cumpre notar que, dependendo de como sejam utilizados, esses recursos podem favorecer a identificação do leitor com o conteúdo apresentado e, por consequência, o veículo de comunicação alcance maiores êxitos nas vendas. Nesse sentido, neste artigo, tomar-se-á como *corpus*, para conseguinte análise, um conjunto de onze manchetes centrais constantes das capas de algumas edições do jornal *Meia Hora*, do Rio de Janeiro, veiculadas nos anos de 2013 e 2014.

Palavras-chave: Manchetes jornalísticas. Dialogismo. Polifonia. Intertextualidade.

1. Introdução

Vivemos em mundo em que as relações humanas se configuram no interior de um jogo discursivo. Isso, para muitos pesquisadores da linguagem, é um fator de motivação para os mais diversos estudos sobre como os sentidos do texto se constroem e que artimanhas são postas em jogo nessa construção. Assim, vale pensar como esse trabalho se realiza em textos produzidos pela mídia, mais precisamente em manchetes de jornal.

Para isso, como objeto desta pesquisa, optou-se pelo estudo de algumas manchetes centrais constantes de capas do jornal *Meia Hora*, do Rio de Janeiro, veiculadas nos anos de 2013 e 2014. Tal escolha se deve ao fato de que, a fim de persuadir seu público para o ato da leitura, bem como fazê-lo compartilhar de mesmo discurso, seu enunciador se vale de diferentes recursos linguísticos na produção de sentidos no conteúdo apresentado, desde o estágio inicial da enunciação até a recepção desses enunciados.

Corado (2009, p. 124) explica que a análise da produção de sentido no discurso midiático impõe que o pesquisador não ignore o funcionamento da máquina midiática, uma vez que no discurso em análise muitos fatores são determinantes daquilo que se diz, daquilo que se cala e, principalmente, do modo como os recortes do real são construídos e levados à representação social. Esses fatores, nas palavras de Charaudeau (2009), são "lugares da produção de sentido", dispostos em três: a) das condições de produção; b) das condições de recepção; c) lugar das restrições de construção do produto.

O primeiro deles se refere ao espaço em que ocorrem as buscas, as intenções envolvidas na enunciação. Nas palavras de Corado (2009), não é o lugar onde se encontrarão os efeitos reais do texto sobre o leitor, nem tampouco os possíveis sentidos de um dizer, mas o ambiente em que o interesse estará nos efeitos desejados, naquilo que se espera atingir com o que se enuncia.

Quanto ao segundo, o lugar das condições de recepção, deve ser compreendido a partir de dois lados: o do leitor ideal, o que Charaudeau (2009) entende como "espaço de recepção interno-externo", relacionado com a recepção imaginada pelo produtor quando compõe o arranjo textual; e o outro, o do leitor real, espaço externo-externo, como espaço real de consumo da informação apresentada/recebida, campo em que o público, no acionamento de duas próprias condições de leitura e interpretação, apodera-se de sentidos construídos no interior do texto. Vale ressaltar que, no espaço do leitor real, o texto não deve ser pensado como um espaço material, mas espaço de interação.

No que diz respeito a esse lugar da recepção, Charaudeau explica que

> Analisar as condições de interpretação desse espaço depende de uma problemática sociológica e psicossociológica. Trata-se aqui de se interrogar sobre a natureza e os comportamentos da instância de recepção, atividade delicada, pois convém não confundir dois tipos de efeitos: os que concernem a fatos de

> consumo e atitudes apreciativas (índices de satisfação), tudo aquilo que é analisado através de sondagens, pesquisas quantitativas de audiência e estudos de impacto; e os que concernem aos processos psicossociocognitivos de percepção, de memorização, de retenção, de discriminação, de avaliação e de compreensão do que é percebido (2009, p. 26).

O sucesso dos objetivos pretendidos por um jornal, por exemplo, depende do grau de consciência desse espaço intersubjetivo, além do conhecimento do público-alvo, possibilitando a realização de pesquisas organizadas pelos organismos midiáticos no que diz respeito a seu público-alvo, visto que o ato de informar carece oferecer algo "novo" ancorado em conhecimentos que já estão internalizados no público, realizando o diálogo e a interação. Segundo Corado (2009, p. 126), "a partir dessa ideia, percebe-se que não se pode estabelecer uma fronteira rígida entre o espaço da produção e o espaço da recepção e que há, na verdade, um grande ambiente de reciprocidade entre esses dois espaços".

Daí, podemos pensar que o leitor do texto midiático seja ainda co-autor do texto dessa natureza, assim como sua existência real e/ou ideal terá valor decisivo para os comandos de sua produção. Ressalte-se que esse espaço de ação recíproca, local em que se institui a interseção entre a produção e a recepção, é, segundo Charaudeau (2009), o "lugar das restrições de construção do produto". Trata-se do espaço em que se firma, de fato, o constituinte dialógico do texto, de modo a determinar a organização semiodiscursiva que se materializará sob a forma de texto (CORADO, 2009).

Charaudeau (2009, p. 26) enfatiza que, na comunicação midiática,

> Qualquer declaração num telejornal ou num noticiário radiofônico, está carregada de efeitos possíveis, dos quais apenas uma parte – e nem sempre a mesma – corresponderá às intenções mais ou menos conscientes dos atores do organismo de informação, e uma outra – não necessariamente a mesma – corresponderá ao sentido construído por tal ou qual receptor.

Desse modo, proceder à análise do produto acabado depende, segundo ele, de uma problemática semiodiscursiva que pressupõe o estudo midiático sob um enfoque em que serão examinados os sentidos derivados do trabalho de estruturação do texto e os discursos de representação, tanto aqueles que circulam no lugar de produção, quanto os que caracterizam as condições de recepção. "Esses dois tipos de discursos de representação constituem os imaginários sociodiscursivos que alimentam e tornam possível o funcionamento da máquina midiática" (CHARAUDEAU, 2009, p. 26).

Sobre isso, Corado (2009, p. 126) adverte que

> Se esse processo de construção, por turno, é determinado pela imagem ideal que se cria do interlocutor, por outro, muitas vezes as condições de recepção e interpretação dão origem a efeitos que podem escapar às intenções de quem escreve, o que faz da leitura do analista sempre uma leitura de "interpretações possíveis", tendo em mente que o objeto texto, embora se nos apresente como a chave dos sentidos, não os encerra em si, estabelecendo, ao contrário, (...), diálogo com várias instâncias da sua exterioridade.

Nesse sentido, a fim de estabelecer com seu interlocutor um diálogo em que tanto uma leitura compreensiva quanto o aceite do discurso ali apresentado seja uma marca, entende-se, nesta pesquisa, que o material observado apresenta na construção de sentido para suas manchetes de capa, recursos linguísticos que, de algum modo, estabelecem com outros materiais textuais de conhecimento popular marcas *dialógicas, polifônicas* e *intertextuais*.

Portanto, compreender como o discurso de seu enunciador é produzido, analisar a linguagem ali empregada, bem como as escolhas lexicais para a produção de sentido nas manchetes de capa devem ser o foco deste trabalho. Para isso, a escolha pelos caminhos apontados por Bakhtin (1992, 2003) quanto ao estudo dos enunciados será aqui um eixo norteador para uma análise segura.

2. Dialogismo, polifonia e intertextualidade

Se, durante algum tempo, o interesse na obra de Bakhtin ficava, em muitos momentos, limitado a textos em que o discurso literário servia de objeto de estudo para a compreensão das ideias de dialogismo e carnavalização, como em Dostoiévski e Rabelais, diferentemente tem sido nos últimos quarenta anos. Grande é o número de pesquisadores que têm se apoiado nas reflexões apresentadas pelo teórico russo para seus estudos, considerando sua ampla visão no que tange ao uso da língua no cotidiano, nas interações sociais.

Não como exagero, essa busca se justifica por Bakhtin atribuir à língua a ideia de um organismo vivo capaz de produzir sentidos no ato de uma enunciação. De modo distinto ao pensamento bakhtiniano, muitos foram os estudos linguísticos durante o século XX que partiram da língua como objeto de estudo para a compreensão de unidades mínimas ou de unidades até a dimensão da frase. Foi, portanto, necessário que a linguística rompesse as barreiras que limitavam seu objeto à frase, fora de con-

texto, para que Bakhtin assumisse o papel precursor de antecipador de alguns dos grandes temas linguísticos atuais (BARROS, 2003).

Para Bakhtin (2003), a estrutura da enunciação completa é algo cujo estudo a linguística deixa para outras disciplinas – a retórica e a poética, diante de sua incapacidade de apresentar uma abordagem completa das formas composicionais do todo (BARROS, 1997). Há, nesse sentido, uma grande lacuna entre a sintaxe e os problemas de composição do discurso. Ele explica que isso é totalmente inevitável, visto que as formas constitutivas de uma enunciação completa só podem ser observadas e compreendidas quando relacionadas com outras enunciações completas pertencentes a um único e mesmo domínio ideológico.

Na visão de Bakhtin (2003), isso representa não ocorrer enunciado na língua que possa revelar significado ou que represente alguma ideia sem a avaliação social que o traz a público. Em outras palavras, vale pensar que o "enunciado concreto, e não a abstração linguística, nasce, vive e morre no processo de interação social entre os participantes do enunciado. Sua forma e significação são determinadas, basicamente, pela forma e pelo caráter dessa interação" (BRAIT, 2011, p. 21).

Assim, o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto. Bakhtin busca deixar claro que o usuário da língua realiza a seleção das palavras fora de seu espaço dicionário, mas no contexto da vida, espaço de experiências e construção de sentidos e impregnação de julgamentos de valor. Brait (2011, p. 21) explica que é preciso observar que, "onde a análise linguística, existente e dominante naquele momento, via apenas palavras (signos) e as inter-relações de seus fatores, uma percepção mais aguda e ampliada já apontava para as relações interpessoais fixadas no material verbal".

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin (1992) explica que a verdadeira substância da língua não se constitui por um sistema abstrato de formas linguísticas, tampouco pela enunciação monológica e pelo ato psicofisiológico de sua produção. Sua verdadeira substância, entretanto, é formada pelo fenômeno social da interação verbal. Desse modo, diferentemente da linguística, que trabalhou seus métodos e categorias operando com monólogos mortos, a teoria bakhtiniana busca compreender as formas de produção de sentido que ocorrem com o uso da língua.

Por sua vez, limitada ao estudo da língua em seus fenômenos concreto-semânticos, a linguística não foi capaz de deixar clara a natureza

social do uso da língua. Por essa impossibilidade, Bakhtin afirma que cabe à metalinguística apresentar um enfoque no estudo da língua, considerando esta como uma realização, ou seja, espaço de um discurso. Isso se deve graças ao caráter dialógico e polifônico da língua.

Para Barros (1997, p. 30),

> Deve-se observar em primeiro lugar que se a concepção de linguagem de Bakhtin é dialógica, se a ciência humana tem método e objeto dialógicos, também suas ideias sobre o homem e a vida são marcadas princípio dialógico. A alteridade define o ser humano, pois o outro é imprescindível para sua concepção: é impossível pensar no homem fora das relações que o ligam ao outro.

Visto que em todo discurso há a presença de outros discursos, podemos pensar que o dialogismo se realiza em qualquer atividade humana concreta. O "falante não é um Adão bíblico, só relacionando com objetos virgens ainda não nomeados [...]" (BAKHTIN, 2003, p. 300). O dialogismo é, para Barros (1997), o princípio que constitui a linguagem e a condição de sentido do discurso.

Bakhtin considera que, a partir do uso e dos traços dos discursos que na língua são impressos, são instalados choques e contradições. Sobre isso, Barros (1997, p. 34) explica que, em outros termos, para o teórico russo, "no signo, confrontam-se índices de valor contraditório", ou seja, porque nela se imprimem de modo histórico e pela utilização das relações dialógicas de discurso, a língua é dialógica.

Nesse sentido, pensando a linguagem como língua ou como discurso, ela é por essência dialógica. Assim, não se deve, portanto, ignorar sua natureza dialógica, pois isso, pela perspectiva bakhtiniana, significa apagar a ligação que ocorre entre a linguagem e a vida dos sujeitos (BARROS, 1997).

Viver significa estar em uma atitude responsiva, visto que não vivemos de forma pacífica. Concordamos, discordamos, apresentamos indagações diversas sobre aquilo que nos é apresentado no cotidiano. A esse respeito, Bakhtin explica que o enunciado construído a partir de nossas reações "é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas" (2003, p. 300).

De mesmo modo, Fiorin (2005, p. 218-219) afirma que

> A língua, em sua "totalidade concreta, viva", em seu uso real, tem a propriedade de ser dialógica [...] existe uma dialogização interna da palavra, que é

> perpassada sempre pela palavra do outro, é sempre e inevitavelmente também a palavra do outro [...] Ademais, não se pode pensar o dialogismo em termos de relações lógicas ou semânticas, pois o que é diálogo no discurso são posições de sujeitos sociais, são pontos de vista acerca da realidade.

A compreensão de uma enunciação por parte de um coenunciador significa orientar-se em relação a ela. Assim, a compreensão pode ser entendida como uma forma de diálogo. Compreender uma enunciação significa opor à palavra do outro enunciador uma "contrapalavra".

Nesse sentido, vale a pena pensar no esforço que esses interlocutores realizam a fim de pôr a linguagem entre si. Isso se explica pelo fato de o locutor enunciar em função da existência (real ou virtual) de seu interlocutor, esperando deste uma reação. Assim, somos capazes de compreender a enunciação pelo fato de a colocarmos no exercício dialógico dos enunciados, num território de confrontos com aquilo que informamos ou com conteúdos apresentados por outros usuários da língua.

Nas palavras de Bakhtin (1992, p. 123), o "diálogo no sentido do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal". Todavia, vale considerar tal palavra em um sentido mais amplo, ou seja, não somente como a comunicação em voz alta, de pessoas postas face a face. Nesse sentido, o autor entende o diálogo como sendo relações exercidas entre interlocutores, numa atitude histórica compartilhada socialmente que, mesmo propensa a mutações, resultados de variações do contexto em que ocorrem, realizam-se em um local e tempo específicos.

Em outras palavras, o pensador russo afirma que o dialogismo é parte constituinte da linguagem, isto é, até mesmo em construções monológicas sempre estaremos diante de uma relação dialógica. Assim, podemos pensar que todo gênero seja dialógico.

Em razão de essas trocas discursivas apresentarem um aspecto de pluralidade e de alteridade, Bakhtin chama a atenção para a intertextualidade dos discursos. Segundo ele, todos os enunciados estão marcados por distintas vozes e contextos. Por sua vez, Rechdan (2003, p. 46) lembra que não devemos confundir o dialogismo com a polifonia, tendo em vista que o primeiro é o princípio constitutivo da linguagem, e o segundo se caracteriza por vozes polêmicas em um discurso. Desse modo, pensamos que existem gêneros textuais dialógicos monofônicos (uma voz que domina as outras vozes) e gêneros dialógicos polifônicos (vozes polêmicas).

Sintetizando uma distinção entre os dois termos (dialogismo e polifonia), Roncari (2011, p. X) conceitua *dialogismo* para a vida do mundo da produção e das trocas simbólicas, composto por um universo de signos, enquanto que a *polifonia* pode ser entendida como uma estratégia discursiva acionada na construção de um texto (BARROS, 2003, p. 5-6).

Ainda segundo Barros (1996), os textos polifônicos apresentam vozes que se mostram e, por sua vez, nos textos monofônicos essas vozes se ocultam sob a aparência de uma única voz (2003, p. 5). Desse modo, a fim de produzir um texto polifônico,

> O autor projeta o discurso em primeira pessoa, isto é, o sujeito da enunciação atribui a palavra e o saber a um narrador, mas ao mesmo tempo em que faz essa delegação, o sujeito da enunciação, por meio de outra ou de outras vozes, desqualifica o narrador como sujeito do saber, mas precisamente do saber interpretar. Não há, dessa forma, no discurso, uma voz "confiável" que possa interpretar e resolver a ambiguidade narrativa (BARROS, 1996, p. 40)

Assim, o fato de os textos serem dialógicos é resultado do embate de muitas vozes sociais. Nesse sentido, quando essas vozes ou parte delas deixam-se escutar, produzem-se efeitos de polifonia. Por outro lado, quando o diálogo é mascarado e, apenas uma voz faz-se ouvir, produz-se a monofonia (BARROS, 2011, p. 6).

Conforme Brait (2000), ser mais preciso na compreensão daquilo que Bakhtin apresenta como dialogismo requer fazer uma análise do princípio da heterogeneidade. Segundo ela, a construção de um discurso parte do discurso do outro, isto é, um discurso parte daquilo que "já foi comunicado", do "já dito". Portanto, a linguagem é heterogênea.

E que sujeito é esse que pretende construir seu discurso? É um sujeito que, segundo Brait (1999), é histórico, social, ideológico, como também corpo. Esse sujeito, para Bakhtin, tem um projeto de fala que não depende apenas de sua intenção, depende do "outro", ou seja, primeiro é o "outro" como quem fala; depois o "outro", ideológico, pois é tecido por outros discursos do contexto.

Bakhtin (1992, p. 35) afirma que a "consciência individual não só nada pode explicar, mas, ao contrário, deve ela própria ser explicada a partir do meio ideológico e social. A consciência individual é um fato socioideológico". Em síntese, o sujeito de Bakhtin se constitui na e por meio da interação, além de reproduzir tanto na fala quanto na prática o seu contexto imediato e social.

"A consciência individual se constrói na interação, e o universo da cultura tem primazia sobre a consciência individual" (FARACO, 2009, p. 42). Tal consciência pode ser compreendida como tendo uma realidade semiótica, de constituição dialógica, visto que o signo é, antes de tudo, social. Logo, esse sujeito apresentado por Bakhtin interage com seu interlocutor por meio de outros textos que se adequam aos enunciados em uso.

Cumpre ressaltar que, nesse entrecruzamento de textos, um novo discurso é construído, todavia boa parte dos discursos "originais" se mantém nos novos enunciados – é o que ocorre nesse processo de intertextualidade, recurso que permite o diálogo entre eles.

Ressalte-se ainda que Bakhtin já antecipara a ideia de intertextualidade em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1992), porém foi somente por Kristeva (1969) que o termo foi utilizado pela primeira vez. Como um mecanismo dialético, ela define a intertextualidade; isso porque é por meio dela os sujeitos são inseridos no meio social, assim como o contexto social se insere nos sujeitos por ela.

O que Kristeva (1969) apresenta remonta às reflexões de Bakhtin a respeito do processo dialético do texto. Isso porque o teórico russo, discordando de Saussure, ou seja, de que a língua deveria ser analisada, estudada de modo sincrônico, e não diacrônico, defende a ideia de que todo discurso produzido na história da língua é resultado de discursos passados, sendo que tal gama de discursos produz a história. Aliás, nessa teoria bakhtiniana, Kristeva se apoia, considerando que um novo enunciado age como resposta a outros enunciados outrora apresentados, independentemente de suas proximidades temporais.

No Brasil, autores como Koch (2013), Cavalcante (2013) e Guimarães (2012) seguem a mesma proposta bakhtiniana para o estudo da intertextualidade. Para Guimarães (2012, p. 139), por exemplo, "Todo texto, todo discurso, pela relação que estabelecem como o texto/discurso geral, disseminam fragmentos de sentido já conhecidos pelo leitor"; isso porque

> Em muitos textos, percebem-se indícios tangíveis de uma relação com outros, desde evidências tipográficas, que demarcam fronteiras bem específicas entre um dado texto *e algum outro que esteja sendo evocado*, até pistas mais sutis que conduzem o leitor à ligação intertextual por meio de inferências (CAVALCANTE, 2013, p. 146 – Grifo nosso)

Nessa perspectiva, Koch (2013, p. 59) explica que

> Todo texto é um objeto heterogêneo, que revela uma relação de seu interior como seu exterior; e, desse exterior, evidentemente, fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude, ou a que se opõe.

Podemos pensar, desse modo, que o exercício da intertextualidade é recurso essencial para a construção de discursos norteadores de práticas sociais. Isso, nas reflexões apresentados por Bakhtin, pode ser compreendido pelo fato de que a esfera dos sistemas ideológicos se consolida a partir das práticas da ideologia do cotidiano.

Considerando, portanto, que as manchetes constantes das capas do jornal *Meia Hora* representam um importante material de estudo em que, ao longo da malha textual, o sentido é construído a partir de alguns recursos linguísticos, vale a pena analisar como isso se realiza por uma linha dialógica, polifônica e intertextual.

3. Análise

Considerando que a imprensa age como medidora entre o sujeito e a realidade que o cerca, compreender como tudo isso se realiza requer uma reflexão sobre os modelos de enunciados por ela apresentados, assim como seus prováveis fins. Segundo Vidall (1996), boa parte da interpretação dos enunciados depende decisivamente dos fatores extralinguísticos do ato comunicativo. Assim, é imprescindível levar em conta as identidades dos interlocutores envolvidos, bem como as circunstâncias de tempo e espaço em que os enunciados são construídos.

Thompson (1995, p. 348) considera que

> se a natureza da mídia e das quase-interações mediadas definem parâmetros amplos dentro dos quais as mensagens adquirem um caráter ideológico, é essencial relacionar essas mensagens a contextos específicos dentro dos quais elas são recebidas. É apenas dentro desses contextos que as mensagens mediadas podem, ou não, constituir-se como ideológicas; é apenas aqui que a mensagem construída a fim de conquistar poder terá sucesso, ou não, em sustentá-lo.

Portanto, levar em conta os subsídios linguístico-discursivos, assim como outros elementos iconográficos presentes nas capas dos jornais propostas para estudo se apresentam como importantes requisitos para uma análise do *corpus* que, neste artigo, é apresentado. Isso porque os enunciados são sempre históricos, pois são constitutivamente dialógicos (FIORIN, 1997).

Desse modo, os conteúdos enunciativos devem ser analisados sob uma perspectiva histórica, social e cultural na qual se incluem os sujeitos e seus discursos (Bakhtin, 2003). Enunciados como (1) *O Rio tá fogo!*, publicado pelo jornal *Meia Hora*, em 12/02/2014, podem ser uma boa fonte de análise tanto no plano linguístico quanto extralinguístico.

Jornal *Meia Hora* – 12.02.2014

Tal enunciado aparece seguido de uma lista de quatro manchetes que, de algum modo, apresentam relação entre si. São eles:

(2) *Fogão incendeia o Maraca: 2 a 0*

(3) *Ônibus é queimado na Zona Oeste*

(4) *Polícia caça o fogueteiro do rojão*

(5) *Marquezine queima filme de Neymar*

Relacionar essas manchetes com a principal (1) requer que o leitor não somente tenha algum tipo de conhecimento sobre os fatos a que se refere cada uma delas, mas também de alguma habilidade linguística, de modo que, mais facilmente após a leitura e interpretação das quatro últimas, o leitor estará apto a compreender o que seu enunciador pretendeu informar com *O Rio tá fogo!*.

Não se deve, portanto, desconsiderar a relação semântica estabelecida entre alguns elementos lexicais presentes na capa do jornal. Observar a relação entre *Fogão*, *incendeia*, *queimado*, *fogueteiro*, *rojão* e *queima* é uma habilidade de leitura que o sujeito deve realizar de modo quase instantâneo para a compreensão do enunciado principal.

Efetivamente, existe evidência para sustentar que os itens lexicais se organizam em rede, tendo por base tipos de relações que os itens estabelecem entre si (CORREIA, 2011), razão pela qual potencializar o estudo do léxico no que tange ao estabelecimento entre as unidades lexicais. A autora apresenta esses tipos de relações lexicais em quatro grupos: *formais*, *morfológicas*, *semântico-conceituais* e *sintagmáticas*. Ela explica que importa refletir sobre aquilo que conhecemos relativamente a cada palavra para a podermos produzir ou reconhecer de forma adequada. Assim,

> Antes de mais, conhecemos a sua forma, o seu significante (som, gesto, e grafia), a sua flexão, a sua categoria morfossintática, as relações gramaticais que se estabelece com outras palavras, nomeadamente as suas regras de subcategorização, isto é, a natureza sintáctica dos elementos que com ela coocorrem; *todas estas informações são de natureza linguística* (CORREIA, 2011, p. 229). (Grifo nosso)

Todavia, há também que conhecer o significado de base e os seus significados derivados, assim como a sua referência. Desse modo, relacionar *Fogão*, *incendeia*, *queimado*, *fogueteiro*, *rojão* e *queima* à palavra *fogo* depende de conhecermos também os contextos sociais e comunicativos em que adequadamente as podemos usar. Sobre isso, a autora ressalta que, ao conhecer a referência de uma palavra (entendida como a relação que se estabelece entre uma unidade lexical e a imagem mental que a ela associamos), enquadramo-la no nosso conhecimento de mundo (CORREIA, 2011).

Vale considerar que, por se tratar de um jornal que busca uma aproximação constante de suas manchetes com uma linguagem popular, a escolha lexical recebe relevante tratamento nas capas do *Meia Hora*, levando em conta que a compreensão dos enunciados oferecidos esteja em concordância com o conhecimento do mundo de seus leitores. A respeito desse conhecimento, vê-se como pertinente, visto que todas as manchetes apresentadas nesta edição fazem parte, direta ou indiretamente, de uma lista de fatos do cotidiano de seu público. Assim, o enunciador se valeu da relação pertinente entre palavras presentes nos cinco enunciados, bem como de seus contextos, a fim reunir estrategicamente em uma só capa manchetes daquilo que, naquele momento, fazia parte de discussões populares.

Dubois (2010, p. 100) ressalta que na "realidade, o que serve de ponto de partida à elaboração de um modelo linguístico de comportamento de um locutor, de um grupo socialmente ou politicamente definido, de uma comunidade qualquer, é a *análise de um enunciado* tomado em sua totalidade". No corpus, por exemplo, com exceção do (2) – *Fogão incendeia o Maraca*, todos os outros remetem o público para a leitura de situações tensas. As manchetes (3) e (4), por exemplo, são resultados de manifestações populares ocorridas na capital fluminense no início do mês de fevereiro de 2014, enquanto que a (5) – *Marquezine queima filme de Neymar*, mesmo fazendo parte de um fato isolado, é capaz de provocar reações na opinião pública, considerando o alto nível de popularidade da atriz e do jogador de futebol.

Na leitura dos cinco enunciados, é possível destacar um elemento comum a todos eles: a palavra *fogo*. Se em (1) ela está explícita somente na forma, em outros foi de algum modo reiterada. Assim, em

(2) pode ser percebida nas palavras *Fogão* e *incendeia*, fazendo referência ao fato de que, no Estádio do Maracanã, o time do Botafogo venceu um time argentino pela Taça Libertadores da América, após ter jogado bem ("incendiado" o jogo) e deixado sua torcida "incendiada", isto é, satisfeita;

(3) *fogo* é apresentada na escolha de outra palavra de mesmo campo semântico: *incendeia*. Depois de mortes em ação da Polícia Militar, grupo fez protesto, bloqueou a Rua Cândido Benício e incendiou ônibus;

(4) o termo é lembrado principalmente no uso da palavra *fogueteiro*, fazendo referência ao manifestante acusado de lançar artefato que

matou cinegrafista da Rede Bandeirantes, quando este registrava um ato popular.

(5) como em (1), a escolha não faz uma referência literal à palavra *fogo*. Aqui, ao informar que *Marquezine queima filme de Neymar*, o enunciador pretendeu informar que, ao informar término do namoro com o jogador de futebol, a atriz também excluiu da internet fotos do casal. Lembrando ainda um passado tecnológico em que, a partir de um filme fotográfico, as fotos eram reveladas, o enunciador "joga" com as palavras, sugerindo que, após a separação do casal, a imagem de Neymar foi queimada por e para Marquezine, numa tentativo de "apagar" qualquer lembrança de tal relacionamento.

As manchetes apresentadas fazem referência a assuntos de um mesmo período. Mesmo não estando diretamente interligados, parecem lembrar um mesmo tema, como a violência em (3) e (4). Todavia, o que chama a atenção é, realmente, a escolha lexical realizada por seu enunciador que, por meio de uma reiteração de ideias, faz que o vocábulo *fogo* ora se anuncie por meio de uma relação *semântico-conceptual*, ora através de uma relação *sintagmática*.

O que parece ser um título para as manchetes que o segue – *O Rio tá fogo!* – permite que, de algum modo, tudo o que será noticiado dialogue não somente entre si, mas também com outras capas de edições anteriores. Isso ocorre devido ao aspecto intertextual recorrente em manchetes jornalísticas.

Segundo Cavalcante (2013, p. 145),

> (...) a produção de um texto demanda a ativação de conhecimentos adquiridos por meio de outros textos; a prática de leitura e compreensão, por sua vez, também requerem a consideração de uma gama de conhecimentos advindos da leitura de outros textos. Assim sendo, nenhum texto pode ser tomado isoladamente, desvinculado de qualquer outro, mas, sim, em sua intrínseca relação com outros exemplares textuais.

Esse recurso também pode ser notado em outras capas. Para isso, tomaremos a seguir o que foi publicado pelo *Meia Hora* no dia 04-02-2014:

Jornal *Meia Hora*, 04-02-2014

(6) *Não aprendi a dizer 'perdeu'*

Para construir a manchete, o enunciador se valeu do *détournement*, recurso intertextual que, segundo Cavalcante (2013, p. 159), "é um tipo de paródia, mas parece restringir-se a textos mais curtos, muitas vezes a provérbios, frases feitas etc., não chegando a transformar um texto completo em outro".

O *détournement* tem por objetivo "levar o interlocutor a ativar o enunciado original, para argumentar a partir dele; ou então, ironizá-lo, ridicularizá-lo, contraditá-lo, adaptá-lo a novas situações ou orientá-los para outro sentido, diferente do sentido original" (KOCH, BENTES e CA-

VALCANTE, 2007, p. 45). Assim, em (6), o mesmo recurso foi utilizado no trecho *Não aprendi a dizer 'perdeu'*, retomando grande sucesso musical, de autoria de Joel Marques, e interpretado pelo cantor Leonardo, "Não aprendi a dizer adeus".

Em (6), temos a substituição da interjeição *adeus* pela forma verbal *perdeu*, caso em que o texto jornalístico apresentado "parte de um texto preexistente, transformando-o e ressignificando-o" (CAVALCANTE, 2013). Vale considerar que isso ficará mais bem compreendido na leitura do restante do texto a que se refere tal enunciado.

Seguindo o enunciado (6), a capa apresenta sua manchete principal:

(7) *Leonardo é preso entre balas e beijos*

Até aqui, os elementos apresentados não nos parecem atender satisfatoriamente para uma boa compreensão desses enunciados. Entretanto, a fim de solucionar um possível problema na leitura, seu enunciador informa que "Detido em aeroporto cheio de munição, cantor tem que pagar fiança de R$ 10 mil pra ser solto". A partir dessa informação, é possível perceber que, apesar de apresentar uma linguagem não muito comum a textos jornalísticos – o que pode ser observado no trecho "preso entre balas e beijos", os enunciados remetem o leitor para um fato verídico, uma notícia.

Mesmo que se espere de textos dessa natureza certo nível de neutralidade subjetiva em sua linguagem, seu enunciador recorre ao uso do recurso intertextual da paródia. Esse recurso, "pode realizar-se de diversas formas, desde a substituição de fonemas e palavras até a modificação de enunciados inteiros, que, no entanto, guardarão resquícios do texto original, como tema, nomes de personagens, estilo etc." (CAVALCANTE, 2013, p. 155).

Assim, podemos observar que tanto o título da música "Entre tapas e beijos", autoria de Nilton Lamas e Antonio Bueno, também interpretada pelo cantor Leonardo, quanto alguns versos foram trabalhados com a utilização da paródia na composição da manchete. Mesmo não ocorrendo repetição de tema ou um ou outro estilo, a manchete retoma uma das vozes envolvidas no texto musical, o cantor Leonardo.

Outro recurso utilizado pelo produtor da manchete é o mesmo escolhido para o exemplo (6): o *détournement*. Isso porque, em vez de "tapas e beijos", numa referência à música, a escolha foi pela expressão "ba-

las e beijos", antecipando a informação de que o artista foi detido em aeroporto por apresentar em sua bagagem uma quantidade de munição de arma de fogo.

Se, portanto, pela letra da música, o artista interpreta que

> Entre tapas e beijos
> É ódio, é desejo
> É sonho, é ternura
> Um casal que se ama
> Até mesmo na cama
> Provoca loucuras,

quem produziu a manchete se valeu da construção do humor a fim de informar um fato. Nessa perspectiva, é provável que, pela leitura da manchete, tenha-se a impressão de que o artista tenha provocado algum tipo de "loucura", episódio que o levou a "ser preso entre balas e beijos".

Em outra capa, editada em 13/02/2014, o *Meia Hora* apresenta a seguinte manchete:

(8) *Babacão do rojão brinca com fogo e vai fazer xixi na cama da cadeia*

Jornal *Meia Hora* – 13.02.2014

Em referência *"Ao acusado de lançar o foguete que matou o cinegrafista da Band é pego na Bahia, para onde tinha fugido"*, conforme a mesma capa, a manchete retoma outro texto, agora de sabedoria popular. Ao fazer o diálogo com o ditado "Quem brinca com fogo amanhece mijado", ironicamente quem enuncia a manchete apresenta juízo de valor ao informar a situação do acusado de lançar em profissional da comunicação.

O produtor da manchete não partiu de um vazio textual a fim de ironizar o acusado de lançar o rojão. Valeu-se de depoimento, como consta de declaração apresentada pelo acusado: *'Acendi, sim. Nem sabia que era um rojão'*. Desse modo, além da manchete dialogar com o dito popular, dialogou com a fala do acusado. Esta, sim, foi o que motivou a construção do aspecto irônico da manchete.

Assim sendo, o ditado popular ora utilizado por muitas vozes e para contextos dos mais distintos possíveis foi tomado pela voz do jornalista a fim de contextualizá-lo e, como num tom de desabafo, ser devolvido por meio de outro texto, com uma opinião bem definida, a fim de fazer que seus leitores compartilhem de posicionamento crítico sobre o fato.

Aliás, dialogar com outros textos é uma característica do *Meia Hora*. Isso também ocorre em capa publicada no primeiro dia de fevereiro de 2014. Uma pequena chamada, *Atriz de 'amores roubados' tá internada*, antecipa a manchete principal da capa daquele dia:

(9) *Macumba da braba faz Isis Valverde quebrar a coluna em acidente*

Jornal *Meia Hora* – 01.02.2014

Na tentativa de atrair a atenção de seu público leitor para a manchete principal da capa, o texto inicial informa que atriz da novela em exibição no ano de 2014 na Rede Globo, Amores Roubados, está internada em um hospital. Logo a seguir, na manchete, consta o nome de tal atriz: Isis Valverde. Mas, o que realmente pode despertar certa curiosidade no leitor é a escolha da palavra "macumba" como sujeito da ação do verbo na manchete.

Acostumado com uma linguagem mais despojada, o público do *Meia Hora* talvez indagasse: Quem teria feito essa macumba? Encontrar uma resposta requer, neste caso, analisar outros elementos constantes da capa. É preciso localizar, portanto, indícios que facilitem a compreensão da manchete.

Para isso, a capa apresenta duas fotografias: em plano maior, a imagem do automóvel envolvido no acidente, isolado por uma corrente de cores preta e amarela, e, parcialmente, coberto por um tecido plástico preto; em um plano menor: foto da atriz. Acompanhando essas imagens, com letras vermelhas e garrafais, o seguinte enunciado: "CARRO AMASSA, FERA!".

A partir desse enunciado, fica mais evidente que recurso o jornalista se valeu para construir ironicamente um alerta para a atriz. Por meio de mesmo recurso apresentado aqui para outras manchetes, o *détournement*, o produtor textual "revelou" quem teria sido a provável agente da macumba: a também atriz Grazi Massafera. Essa compreensão é possível graças a um jogo não somente fonológico, como também gráfico, de modo que "CARRO AMASSA, FERA!" possa significar "Carro a Massafera", veículo capaz de fazer com que Isis se envolvesse em grave acidente.

Mas que tipo de relação entre os elementos "Amores Roubados", "Isis Valverde", "macumba", "Carro" e "Massafera" pode ter possibilitado a construção desses enunciados? Não por acaso, a mesma capa apresenta foto, informando na que "Grazi Massafera brilha em comercial" de óculos. Enquanto esta parece feliz, a outra (Isis) não parece estar nada bem, após se envolver em acidente automobilístico.

Para tal associação, cumpre notar que o mesmo jornal já informara, na edição do dia 29/11/2013, que a coletiva de imprensa para a apresentação da trama global contou com a presença do elenco, "entre eles Isis e Cauã, que fizeram sua primeira aparição num mesmo evento após os boatos nos quais a atriz é apontada como pivô da suposta separação do

ator e Massafera". Não por acaso, podemos pensar numa relação do título da novela com o suposto fato de separação do casal de atores.

Há ainda que se considerar que a compreensão de um enunciado depende, em menor ou maior grau, de um cruzamento de informações. Isso parece ser típico do jornalismo impresso, espaço em que a linguagem verbal é a mais utilizada para realizar uma informação. Ao leitor cabe fazer n referências a n objetos de discurso.

É, portanto, por meio de referências, numa linguagem bem próxima do coloquial, que o produtor de tais textos não somente possibilita que os enunciados dialoguem entre si, como também permite que uma capa dialogue com outra, como se cada uma fizesse parte de uma sequência narrativa. Além disso, elementos não verbais são dispostos, como as fotografias constantes da capa de 01/02/2014, formando um grande mosaico montado e remontado para e por um público leitor bem definido pelo jornal em estudo.

Quanto à capa de 01/02/2014, ainda podemos observá-la dialogando com outra, a do dia 25/02/214. Nesta data, a escolha por uma fotografia da atriz Grazi Massafera, posando na areia de uma praia, vem acompanhada da seguinte sequência:

(10) *Ela é top, capa de revista! Baba, baby! Olha o que você perdeu!*

Jornal *Meia Hora* – 25.02.2014

Exaltando a beleza de Massafera, o texto do jornal retoma a música *Ela é top*, de Mc Bola, bem como *Baba baby*, autoria de Kelly Key, interpretada por Maria Gadú, a fim de ironizar o ex-marido da atriz. Em seguida, na parte final, o texto dialoga com a capa de 01/02/2014, bem como com toda a situação de um provável relacionando de Cauã Reymond com a atriz Isis Valverde.

Assim, se *"Cauã Reymond admite pela primeira vez separação de Grazi Massafera"* (texto extraído do site F5, da *Folha de S. Paulo*, em 17/10/2013), provavelmente tal decisão seja capaz de provocar comentários críticos do público sobre a escolha do ator. Assim sendo, numa crítica dirigida ao ator, assim como uma síntese das vozes de seus leitores, o texto do *Meia Hora* poderia estar assim ironizando:

a) *"Ela é top, capa de revista!"*. Logo, "*Olha o que você perdeu!"*, Cauã[25]

b) *"Onde ela chega rouba a cena deixa os muleque babando"*. Então, Cauã, *"Baba baby"*![26]

Realizar a análise do *corpus* requer ainda que observemos o propósito do jornal com seu público. Amaral (2006, p. 62) ressalta que os jornais imaginam que o leitor gosta de se ver, contar suas histórias e as injustiças cometidas contra si, mas é alguém a quem os assuntos públicos e coletivos só importam enquanto estiverem concretamente relacionados ao seu quintal. Assim, não somente eles apresentam aquilo que pode ser considerado uma notícia, mas num jogo em que a linguagem se aproxima do diálogo cotidiano, suas manchetes atraem e informam sobre uma realidade em que o leitor consiga se identificar.

Se, portanto, para o jornalismo popular seu alvo seja um estereótipo de leitor que represente a massa popular, muito ligada a sua realidade, sua proximidade, tanto pelo conteúdo, quanto pelas personagens envolvidas e pela linguagem empregada (AMARAL, 2006), podemos pensar que o material em análise apresente esses aspectos. Por sinal, uma capa que bem sintetiza isso foi divulgada em 23/01/2014:

---

[25] Verso da música *Ela é top*, de Mc Bola

[26] Verso da música *Baba Baby*, de Kelly Key

Jornal *Meia Hora* – 23.01.2014

Em vez da recorrente frase “Assim não tem jeito”, a escolha por “NÃO TREM JEITO” antecipa que o conteúdo da notícia a ser apresentada esteja diretamente ligado ao seu público. “É sempre a mesma coisa”, seu público alvo, “o povão” é obrigado caminhar, ou melhor, “dar um rolezinho” sobre os trilhos após mais uma pane no trem que o levaria para o cumprimento de suas atribuições cotidianas.

Podemos pensar ainda que, em tal capa, o jornalista se apropria de inúmeras vozes populares. De certo modo, através desse ato, alerta para os constantes problemas no transporte público do Rio de Janeiro e, às autoridades competentes, cobra as devidas providências.

Portanto, mesclando informação e uma linguagem própria de uma conversa do popular, as capas em análise oferecem um material de gran-

de relevância para o estudo de vários aspectos linguísticos, aqui tomados apenas o dialogismo, a polifonia e a intertextualidade.

Trechos de músicas, ditados populares, trocadilhos, relação entre capas do mesmo veículo de comunicação foram retomados na construção das manchetes em análise. Porém, outros recursos poderiam ser aqui mencionados, considerando não apenas os conteúdos de interesse de seu público, mas, além disso, como tais recursos são utilizados na construção de um material de grande importância para pesquisadores da língua.

4. Considerações finais

Com base na análise do *corpus*, foi possível perceber como diferentes recursos linguísticos são capazes de construir um conteúdo informativo que visa atender a duas propostas de um jornal: atingir um público leitor e vender mais.

Como outros jornais, veicula notícias sobre fatos do cotidiano. Porém, o que chama a atenção no *Meia Hora* é como esses acontecimentos são apresentados em suas manchetes. Podemos observar que não é por meio de uma linguagem neutra – o que seria de se esperar de um texto desse gênero. A opção por uma mescla de informação e entretenimento faz que seus enunciados sejam capazes de, concomitantemente, provocar no leitor uma sensação de indignação e humor no ato de leitura.

Desse modo, sua linha editorial se vale de recursos linguísticos que, de algum modo, aproximam o veículo de seu público. Nessa tentativa de aproximação, seu leitor se identifica nos enunciados oferecidos. Isso ocorre como se o editor tomasse as inúmeras vozes das ruas e por elas pronunciasse seus sentimentos de indignação diante dos problemas do cotidiano – como falhas nos serviços de transporte público, opiniões sobre fatos ocorridos com celebridades e assuntos como futebol.

Ao longo das edições, podemos perceber que diferentes capas dialogam entre si, como se uma servisse de complemento narrativo para outra. Ao lado disso, trocadilhos com algumas palavras, assim como trechos de músicas e ditados populares são postos em um jogo linguístico. Às vezes reunidos, por vezes separadamente, esses recursos são capazes de facilitar a compreensão dos enunciados ali apresentados.

Como o objetivo aqui foi observar se e como os processos de dialogismo, polifonia e intertextualidade contribuíram para a construção das

manchetes de capa do jornal *Meia Hora*, esses recursos formaram o eixo da pesquisa. Nessa linha, após observar diferentes capas, pôde-se constatar que tais procedimentos linguísticos servem de apoio para que, nesses enunciados, uma linguagem despojada de qualquer neutralidade contribua para a compreensão por parte de seu público, visto que neles se identifica.

Por fim, vale considerar que outros recursos linguísticos poderiam ser aqui tomados para o estudo das manchetes escolhidas. Porém, como textos vinculados à mídia são carreadores de materiais de grande relevância para estudos linguísticos, aquilo que neste artigo não foi abordado, certamente em pesquisas futuras serão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Márcia Franz. *Jornalismo popular*. São Paulo: Contexto, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

_____. *Estética de criação verbal*. Trad.: Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto (Orgs.). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1996.

_____. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas: UNICAMP, 1997.

_____. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. 2. ed. 1. reimpr. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003.

BRAIT, Beth. Mikhail Bakhtin: o discurso na vida e o discurso na arte. In: DIETZSCH, M. J. (Org.). *Espaços da linguagem na educação*. São Paulo: Humanitas, 1999.

_____. *Anotações em sala de aula*. São Paulo: PUC, 2000.

_____. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J. L. (Orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*: em torno de Bakhtin. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.

CAVALCANTE, Mônica Carvalho. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2013.

CORADO, P. R. *Veja: ideologia e argumentatividade em revista*. 2010. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Trad.: Ângela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2009.

CORREIA, M. Produtividade lexical e ensino da língua. In: VALENTE, A.; PEREIRA, T. G. (Orgs.). *Língua portuguesa*: descrição e ensino. Parábola, 2011.

DUBOIS, J. Lexicologia e análise de enunciado. In: ORLANDI, E. P (Org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. 3. ed. Campinas: Unicamp, 2010.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagens & dialogismo:* as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.

FIORIN, José Luis. O romance e a simulação do funcionamento real do discurso. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. São Paulo: Unicamp, 1997.

GUIMARÃES, Elisa. *Texto, discurso e ensino*. 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2012.

GÓIS, Anselmo. Grazi Massafera e Cauã Reymond estão separados, diz jornal. *Folha de S. Paulo*, 17.10.2013. Disponível em: <http://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2013/12/1388881>. Acesso em: 13-03-2014.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; BENTES, Anna C.; CAVALCANTE, Mônica M. *Intertextualidade*: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. 10. ed., 2 reimpr. São Paulo: Contexto, 2013.

KRISTEVA, Júlia. *Introdução à seminálise*. São Paulo: Debates, 1969.

MEIA Hora. Rio de Janeiro, ano 8, nº 29.875, 29 de nov. 2013; ano 9, nº 29.930, 23 de jan. 2014; ano 9, nº 29.939, 01 de fev. 2014; ano 9, nº 29.942, 04 de fev. 2014; ano 9, nº 29.950, 12 de fev. 2014; ano 9, nº 29.951, 13 de fev. 2014 e ano 9, nº 29.963, 25 de fev. 2014.

RECHDAN, Maria Letícia de Almeida. Dialogismo ou polifonia? *Revista de Ciências Humanas,* vol. 9, n. 1, p. 45-54. Taubaté, Unitau, 2003.

RONCARI, Luiz. Prefácio. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade.* 2. ed. 2. reimpr. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011, p. IX-XII.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna*: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

VIDALL, M. V. E. *Introducción a la pragmática.* Barcelona: Ariel, 1996.